

A BAHIA SERTANEJA EM *SEARA VERMELHA*, DE JORGE AMADO

Thailla da Silva Sena¹; Valter Guimarães Soares²;

1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: thaillassena@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: vgsoares@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: sertão, História, Literatura, Jorge Amado.

INTRODUÇÃO

A partir dos anos de 1930 o sertão passa a ser um tema frequentado, tanto no campo da ciência e da poesia como também em grandes romances brasileiros. Os problemas da seca, a exploração do homem camponês, a concentração de terras nas mãos dos coronéis, o êxodo rural, o cangaço, os movimentos messiânicos são temas recorrentes no chamado Romance de 30.

Do conjunto deste romanceiro destaca-se a obra *Seara vermelha*, do escritor Jorge Amado, publicada no ano de 1946. O livro traz uma novidade geográfica no que diz respeito ao conjunto da obra amadiana, na medida em que ali não se recria a vida baiana nas ruas, becos e ladeiras de Salvador ou das cidades do Recôncavo, nem é ambientado em terras grapiunas ou nas matas do cacau. *Seara vermelha* encena outra cartografia da Bahia, toma como cenário o sertão, “território onde a fome cria bandidos e santos” (AMADO, 1946: 239), nele inscrevendo os atalhos de beatos e cangaceiros, a saga dos retirantes, das gentes expulsas da terra pelo latifúndio e pela seca em direção a São Paulo. Trata-se de um romance de “grande intenção política”, como afirma o autor, em entrevista a Alice RAILLARD (1985: 163).

Neste trabalho coloco em questão não apenas “a intenção política” do romance, mas, sobretudo, a representação amadiana de sertão, enquanto paisagem física e social, daí porque procuro mapear as circunstâncias históricas que condicionam a narrativa, problematizando o lugar social de enunciação do autor e buscando compreender as confluências entre projeto éticos-políticos e estética literária no contexto da produção da obra tomada para análise.

O trabalho se justifica pela quase inexistência de estudos sobre a temática proposta. A maioria de trabalhos existentes sobre a Bahia, sejam eles de cunho científico, sejam literários, no mais das vezes priorizaram como recorte espacial a zona Salvador /Recôncavo. No caso da obra de Jorge Amado, as análises também têm priorizado os romances ambientados na cidade da Bahia ou que retratam a saga do cacau. Nesse sentido, o trabalho pode vir a contribuir para diminuir essa grande lacuna acerca da construção de representações sobre o espaço geográfico sertão na Bahia, como também colocar em discussão o papel jogado pelas narrativas literárias na elaboração de imagens e estereótipos acerca da paisagem-sertão.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA

O material tomado para realização da pesquisa é o próprio romance *Seara Vermelha*. Nesse sentido, o romance é tratado, a um só tempo, como fonte e objeto de análise. Ao tomar o discurso literário como material de análise me aproprio da noção de representação como elemento conceitual que permite articular o entrecruzamento entre o literário e o histórico (PESAVENTO, 1998). Na trilha aberta pelos estudos da cultura, considero literatura e história como representações, como versões ou formas de re-criação da realidade, portanto como operações linguísticas construtoras de sentido e sistemas de significação, mesmo

compreendendo as diferenças que guardam entre si, suas especificidades a partir de diferentes métodos e procedimentos.

Nos caminhos trilhados por CHARTIER (1992) e SOARES (2009), considero ainda que representações expressam relações de força em uma dada estrutura social, remetendo para os diferentes modos como os sujeitos sociais percebem a si mesmos, a sua época e o mundo em que vivem, construindo a partir dessas percepções sistemas de identidade, de crença e de conhecimento. As (in)compreensões das representações do mundo social é uma questão histórica, varia sócio-historicamente, sendo, portanto, imprescindível a articulação entre texto-contexto, de modo a compreender como a época escreve e se inscreve na narrativa.

A noção de paisagem-sertão é aqui tomada na perspectiva de ALBUQUERQUE JR (2008, p.15), para quem as paisagens são molduras da percepção humana, são formas de significação dos espaços, “são construções do olhar humano, sempre orientado por valores, costumes, concepções políticas, éticas e estéticas, interesses econômicos e sociais, e são ditas a partir de conceitos, metáforas, tropos linguísticos, palavras que pertencem a uma dada trama histórica, a uma dada temporalidade, a lugares de sujeito, a lugares sociais”.

De forma abreviada o percurso metodológico constituiu-se basicamente de: 1) levantamento e leitura de bibliografia: a) teórica, com vistas a melhor explicitação do referencial teórico da pesquisa; b) revisar a literatura que tematiza o sertão; c) sobre a trajetória de Jorge Amado, destacando a sua posição como militante comunista; 2) análise textual da obra tomada como objeto de pesquisa.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Seara vermelha foi escrito entre 1945 e 46, no trânsito entre a campanha política para deputado de Jorge Amado pelo Partido Comunista (PC) em São Paulo e o exercício do mandato no Rio de Janeiro (RAILLARD, 1985: 213). O PC havia saído da ilegalidade, e Prestes havia sido eleito senador com ampla votação (DUARTE, 1995: 168). Trata-se de um livro de forte intenção política e estreitamente ligado ao discurso partidário. É também uma obra amadiana que encena outra cartografia da Bahia. Não trata da cidade do Salvador e seu recôncavo, tampouco das terras do cacau, tomando como cenário o sertão, nele inscrevendo os atalhos de beatos e cangaceiros, a saga dos retirantes, das gentes expulsas da terra pelo latifúndio em direção a São Paulo.

O romance é dividido em quatro partes. O prólogo, intitulado “A Seara”, em que Amado nos apresenta o tema central de seu livro: o latifúndio, e também os personagens e conflitos que serão desenvolvidos ao longo do romance, em particular, a família de Jucundina e Jerônimo, que é expulsa da terra e peregrina pelos *Caminhos da Fome*, livro primeiro, subdividido em *A caatinga*; *O rio* e *O trem de ferro*, onde dramatiza a diáspora de massas populacionais sertanejas em direção às terras paulistas.

Caminhos que desembocam nas “*Estradas da esperança*”, livro segundo, encabeçado pelos três filhos do casal, que fugiram de casa antes do êxodo: José (que se junta ao bando de Lucas Arvoredo), João (que se torna soldado da polícia militar e é designado para combater beato Estevão e seus seguidores), e Juvêncio, ou Nenén (que entra no exército como soldado, engaja-se na vida política, vira comunista e participa da Intentona de 1935). São, portanto, partes que se ocupam do cangaço, do messianismo e dos embates políticos do Partido Comunista e da Aliança Nacional Libertadora. O livro se encerra com *A colheita*, que, como indicia a metáfora, se volta para a reorganização do Partido Comunista,

Segundo DUARTE, (1995: 167), a narrativa de Amado em *Seara Vermelha* se dá numa tonalidade épica sintonizada com o ponto de vista do oprimido, numa atitude política de denunciar a miséria e incitar a mudança social, uma forma de escrito militante; cujo horizonte vislumbrado é a construção do socialismo. Os romances de Amado, em especial aqueles

inseridos no debate político-ideológico e no fazer literário das décadas de 1930 e 40, são marcados por forte intenção documental e preocupação pedagógica. A meta de Amado é escrever para o povo e por isso adota uma linguagem marcada pela oralidade e pela valorização da fala popular.

Os dois eixos políticos centrais do romance são, portanto, a denúncia do latifúndio e a insurreição comunista de 1935. O problema do sertão está menos na seca (questão natural/climática), e mais no plano econômico – o latifúndio. Problema que se estende da caatinga a São Paulo. Nesta direção, Amado estabelece um diálogo estreito com Prestes, chegando mesmo a dedicar o romance ao grande líder comunista, a quem denomina “amigo dos camponeses” (AMADO, 1986: 9). Como também registra como uma das epígrafes uma frase de Prestes, na qual este elege o latifúndio como causa fundamental para o atraso, miséria e ignorância do povo, tese esta desenvolvida ao longo do romance, alinhada a leitura do PC sobre a realidade brasileira.

Para Duarte esta relação é complexa. Ao reler o episódio da Intentona de 35 em seu romance, Amado se insere no processo de autocritica partidária daqueles eventos, ao apontar, por exemplo, a ausência de formação política nos insurretos e denunciar o individualismo nos eventos de 35 como causas do voluntarismo político. Acusa, através do romance, Prestes como responsável pelo espontaneísmo do episódio em Natal e a postura golpista do movimento – tentativas de assalto ao poder sem o devido respaldo da população e ao considerar mais a força dos quartéis do que o arregimento operário-camponês (DUARTE, 1995:195-7). “Recife se levantará em seguida. E, depois todo o resto do país. Posso informar aos companheiros que o general Luís Carlos Prestes assumirá o comando da revolução...” (AMADO, 1986:295-6).

Amado se aproxima de Prestes na leitura sobre a realidade brasileira, proximidade estabelecida por ser uma leitura do Partido. No entanto, critica a postura Prestes nos eventos de 35 e o voluntarismo político através da personagem Nenén, construído como herói positivo, o ideal do militante revolucionário. Para o escritor baiano o problema estaria na vanguarda do movimento, mas resguarda o partido, que simbolizava a possibilidade da utopia, “distinguia perfeitamente o Partido dos homens que o compunham” (AMADO, 1986: 269).

Amado toma o sertão e o sertanejo como alegoria para denunciar e interpretar a exploração, as misérias e injustiças da realidade brasileira e do sertão-nordestino em particular. Mas ao fazê-lo, reelabora um repertório do já-dito-sertão.

Nos anos de 1920 há o surgimento do recorte espacial Nordeste, real e imaginário, resultado de uma ruptura na maneira de ver, pensar e dizer o Brasil que vem do século XIX, baseada na dualidade Norte e Sul (ALBUQUERQUE JR, 2011:52). No processo de construção de uma visibilidade para a região foram agenciadas imagens que ganhariam foros de realidade na fixação de uma paisagem nordestina (Id, 2008:206). Podemos elencar duas fisionomias como centrais, apesar de não serem as únicas.

Um Nordeste agrário, canavieiro e pouco afastado da costa, se estendendo do Recôncavo ao Maranhão e tendo como centro Pernambuco (Freyre, 1989, p. 42), paisagem de árvores gordas e sombrosas, de bois vagarosos e gente Sancho Pança, da terra molhada e pegajenta, da qual ele se ocupa. E uma outra, deixada a cargo do especialista Djacir Meneses, o pastoril. segundo Freyre, Nordeste-sertão das “areias secas rangendo embaixo dos pés. Os sertões de paisagens duras doendo nos olhos. Os mandacarus. Os bois e os cavalos angulosos. De sombras leves como umas almas do outro mundo com medo do sol. [...] de figuras de homens e de bichos alongados quase em figura de El Greco” (Freyre, 1989, p. 41). Uma paisagem, portanto, que gira ao redor do sol e do seco, de árvores torturadas e retorcidas.

Paisagem que, acrescida de imagens e enunciados de uma estética revolucionária, veio a se constituir no estereótipo, na imagem-clichê de uma região (Albuquerque Jr., 2008:212), encenando-se um ambiente sob o signo do agreste e do inóspito, lugar do seco, do espinho, do

veneno, dos animais primitivos e rastejantes; do flagelo e do flagelado; de vidas secas e gordos latifúndios. Imagens que se configuraram como paisagem sertaneja. Paisagem que se tornará cristalizada e fixada como regra de ver e dizer esta região sob a pena de não legitimidade, do não reconhecimento (Ibid., p.210).

Paisagem sertaneja repetida em *Seara Vermelha*, reelaboradas de acordo aos interesses político-partidários de Jorge Amado, ou seja, denunciar o latifúndio e fomentar mudança social, cujo horizonte vislumbrado é a construção do socialismo. Na obra, sertão é o espaço da escassez, da concentração de terra e a exploração do trabalho dos alugados pelos coronéis. A multidão de camponeses que desbravam o deserto da caatinga enfrentam cobras e espinhos, a sede e a fome, a doença e até mesmo a morte. “Só os imigrantes são os mesmos os nomes podem mudar, mas são idênticos rostos, a mesma fome, o mesmo fatalismo, a mesma decisão no caminhar” (AMADO, 1986:57). Os retirantes seriam idênticos e imutáveis, assim como a “paisagem desolada” por onde passam, também ela permanente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mapeamento de Amado é feito à distância, cujas coordenadas de leitura e esquemas prévios são extraídos de um dado repertório: o marxismo. Enunciadas de longe, e de cima, do ponto de vista urbano-industrial, as representações amadianas de sertão trazem a marca do desencanto com a paisagem física e humana. Agenciando e re-elaborando imagens da literatura e dos discursos jornalístico e científico da época, encena um ambiente sob o signo do agreste e do inóspito. Como um Lugar onde as coisas sempre chegam com atraso, lugar distante e esquecido, de vidas levadas em triste monotonia (Ibid., p.45;49), “território onde a fome cria bandidos e santos”, (Ibid., p. 239). Sertão de poucas palavras e curto vocabulário, lugar de gente que não sabe se expressar bem e onde as palavras quase nunca revelam a extensão dos sentimentos (Ibid., p. 97). A exemplo de tantos outros intelectuais ditos de esquerda, Amado marca sua obra com uma visão etnocêntrica, que atualiza a ideia do sertão como lugar da barbárie, do tradicional e do arcaico.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do nordeste** e outras artes. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **Nos destinos de fronteira: história, espaços e identidades regionais**. Recife, Bagaço, 2008.
- AMADO, Jorge. **Seara Vermelha**. 45ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- ANDRADE, Celeste Maria Pacheco de. Bahias de Amado: a ficção fundando uma outra geografia. In FONSECA, A. e PEREIRA, R.(orgs.) **Rotas & imagens: literatura e outras viagens**. Feira de Santana: UEFS, 2000.
- CHARTIER, Roger. **História cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1992.
- DUARTE, Eduardo Assis. **Jorge Amado: romance em tempo de utopia**. Natal:UFRN. Editora Universitária, 1995.
- FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. Rio de Janeiro: Record, 1989 [Original de 1937].
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In: LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org.). **Discurso histórico e narrativa literária**. Campinas: EDUNICAMP, 1998, p. 17 40.
- RAILLARD, Alice. **Conversando com Jorge Amado**. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- SOARES, Valter Guimarães. **Cartografia da saudade: Eurico Alves e a invenção da Bahia sertaneja**. Salvador : EDUFBA ; Feira de Santana : UEFS Editora, 2009.